Universidade Estadual de Goiás
Professora: Thaís Oliveira
Aluno: Eduardo Mariano Machado
Período: 1°
Curso: Cinema e Audiovisual

INTRODUÇÃO A LINGUAGEM SONORA

Goiânia
2026

Título: Peça por peça

1. INT. ALA DE EMERGÊNCIA - DIA

As portas da ala de emergência fecham. Antes do som subir até o vão de uma manilha colada no teto, Rosângela senta em uma cadeira na fila de espera. Suas articulações vibram levemente contra o assento da cadeira, enquanto o eco entra na tubulação de concreto e viaja por um longo período, até desaparecer.

Rosângela desce. Sob passos leves como os pés de um passarinho, ela leva a mão na porta principal, mas a chave e a maçaneta não se movem um centímetro. Ela força novamente, e escuta uma mola da maçaneta vibrando.

Rosângela se afasta. Ao retirar a mão um estalo elétrico dispersa na blusa, erguendo os fios da blusa.

Ela confere a porta do corredor. Também estava fechada.

Num ímpeto, ela se arremessa contra a porta menor, o barulho é leve igual uma caixa de papelão caindo. Na segunda, Rosângela a empurra, as pernas derrapam no chão, o cotovelo desencaixa, mas a porta não abre.

Resta uma alternativa: a janela com assento, no alto da parede. Ela posiciona uma cadeira há 3 metros e a usa de trampolim, a cadeira se mexe levemente, raspando o piso vinílico. Já no assento da janela, Rosângela rapidamente força a manivela. Nada acontece. Apoiando a testa no vidro, ela parece desistir da fuga, quando de repente, chuta o vidro com tudo o que tem.

A janela, todavia, não quebra. Quem passasse debaixo, escutaria somente o ruído de um bico batendo no vidro.

Rodeada de almofadas, ela bate em uma almofada (ruído de tecido), a arremessa no buraco da manilha e depois fecha os olhos. Esticando o corpo no assento, ela desenha uma sobrancelha com um lápis, o som tem pouco volume, mas é gasturante. Ela chora, mas as lágrimas não caem, da mesma forma que a almofada também não. O vácuo sonoro da almofada desperta a

curiosidade de Rosângela, que escuta a corrente de ar do teto com um timbre diferente; era a almofada presa de alguma forma na borda da manilha.

Ela desce, arrasta a cadeira consigo e para no meio do duto. Com as pontas do dedo, Rosângela acidentalmente encosta na almofada, que cai no vazio do duto. O som da queda não retorna aos seus ouvidos. Ela faz um teste jogando o cinto, ele segue o mesmo caminho, caindo para cima.

Sem hesitar, leva a mão no ombro. Desencaixa um braço o prendendo na entrada do buraco (barulho de lasca de cimento se soltando), equilibra a cabeça na lateral para baixo, afim de saber o que está fazendo e começa o procedimento: trás o segundo braço; com os dois alinha o tronco superior no meio do duto e o solta. Quando a perna esquerda vem, um click sai do seu tornozelo.

Peça, por peça, Rosângela se entrega ao desconhecido.